



Francisco Carvalho Sousa (Chico Pubeiro)

ENTREVISTA E005 — COORDENADOR DE REISADO E GUARDIÃO DA MEMÓRIA DO REISADO

Entrevistado(a): Francisco Carvalho Sousa, conhecido como Chico Pubeiro.

Função no Reisado: Coordenador/organizador de grupo de Reisado; devoto, participante da tradição e guardião de acervo de gravações antigas.

Idade: 67 anos.

Comunidade/localidade: Boa Hora – PI; Zona Urbana.

Data da entrevista: 11/02/2026

Local da entrevista: Residência do entrevistado.

Entrevistador: Lenildo Martins Lustosa Pereira.

Forma de registro: áudio e vídeo.

Duração: 1 hora

Situação da transcrição: transcrição bruta

Observação breve: A entrevista aborda a trajetória afetiva e familiar de Chico Pubeiro com o Reisado, destacando memória, tradição familiar, coordenação da festa, mudanças nas práticas dos caretas e mandadores, além da preservação de gravações antigas do Reisado de Boa Hora.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

Lenildo - Então, vamos começar aqui. Eu queria agradecer a sua disponibilidade. Já falei aqui da nossa pesquisa para você, que é uma pesquisa sobre o Reisado como religiosidade popular viva, a prática de promessa, e por ser uma cultura muito única aqui, ela se torna um patrimônio da nossa cidade. Então, vamos gravar, vamos gravar em vídeo, vamos gravar em áudio. E eu queria, para começar, que você se apresentasse, dizendo o seu nome, quem é você aqui, na boa hora, o que você representa para o Reisado, fique a vontade para você se apresentar.

Chico Pubeiro - O meu nome é Francisco Carvalho, Francisco Carvalho sou conhecido como Chico Pubeiro, essa pessoa me chama mais como Chico Pubeiro. Logo, eu sou tão fanático, sou tão, gosto tanto da minha terra, onde eu nasci, e fiquei até a minha idade de 16 anos, que, para você ter uma ideia, eu fui embora para Teresina, quando cheguei em Teresina, que eu comprei um táxi, aí eu coloquei bem na frente do táxi, 100% Pubeiro, tanto que eu amo a boa hora, tanto que eu gosto da minha terra. E aí, por isso aí, meu nome lá em Teresina, aqui, em todo lugar, é conhecido como Chico Pubeiro. Alguns me chamam como Chico Joaquina, o próprio prefeito me chama de Chico Joaquina, é o único que me chama de Chico Joaquina, outros me chamam de outros apelidos, mas, principalmente, é Chico Pubeiro. E, eu nasci e me criei aqui, sou fã, apaixonado, amo, eu costumo até brincar com meus meninos, com as pessoas mesmas, e dizer assim, rapaz, tem hora que eu fico pensando, será que tem alguém para gostar mais de Reisado do que eu? Eu acho que não. E eu tenho isso como na prática, tipo assim, eu tenho 67 anos de idade, o que eu me lembro? Durante todo esse tempo, o que eu me lembro? Só perdi Reisado, que eu me lembro, né? Perdi Reisado dois anos.



Lenildo - Muito bem. Então, assim, quando é que começou, se você tem alguma lembrança, você se lembra de muita coisa, quando é que começou a devoção de Santos Reis na sua vida, assim, você se lembra?

Chico Pubeiro - Rapaz, eu acho que já começou, por incrível que pareça, porque a gente costuma dizer assim, aquelas coisas que a gente lembra muito assim. Eu com seis anos de idade, ia fazer sete anos. O Reisado do meu pai, que é um que eu estava comentando com você, que um tio meu tocou violão, eu, um trabalhador do papai, me pegou pelos braços, e o Reisado ia começar aqui numa comunidade, ele pegou pelos braços e me levou, e eu me lembro disso, assim, com tanta coisa, assim, né? Então, eu acho que já começou daí, minha primeira coisa de Reisado foi aí, nesse primeiro Reisado do papai, que eu só me lembro do ensaio do boi, e quando a pessoa me levou pra determinado lugar, mas aí eu não me lembro mais nada, né, desse tempo. Mas daí, pra cá e pronto. Aí eu tenho histórias, assim, a minha mulher diz assim, como é que eu consigo lembrar de tanta coisa, né? A minha primeira gravação foi em 1974. Eu não tenho essa fita, eu tenho uma fita, a mais antiga que eu tenho é de 1976, um do Reisado que eu tenho, que hoje eu guardo com muito carinho. Eu já coloquei em pen drive e tudo, que eu tenho medo de perder essa gravação, porque o Reisado daquele tempo não era como o de hoje, né? Um pouco diferente.

Lenildo - O Reisado entrou na sua vida, assim, foi por meio de uma promessa, tradição familiar, ou por iniciativa própria?

Chico Pubeiro - Acredito que foi tradição familiar, no sangue mesmo. O meu pai, a gente, tudo pequenininho, para você ter uma ideia, o Reisado chegava lá em casa, 3 horas da manhã, a minha mãe reclamava, porque meu pai ia lá na rede de cada um e chamava. Chamavam os meninos todinhos para vir assistir o Reisado. A gente dormindo, porque se ele não chamasse, quando era no outro dia a gente estava bravo, né? Até porque naquele tempo o Reisado não era como hoje, o Reisado era mais difícil. O Reisado aqui na boa hora só aparecia nessa data, dia 5, dia 4, dia 5, no início da semana não tinha, porque o Reisado era muito pouco e andava muito nos interiores, e naquele tempo estudava muita gente fora, aqui da boa hora, os filhos dos grandes fazendeiros, como do Pedro Coelho, do Zé Pinto, as pessoas só vinham para cá no final do Reisado, para passar a penúltima e a última noite. Aí o que acontece? Os donos de Reisado já sabiam que só tinha gente, que as pessoas só colocavam Reisado nessa data, aí não vinha. E aí a gente não fazia de tudo para não perder. Para a gente ir atrás, eu com a idade de 10 anos de idade, eu já ia atravessar o rio para ir atrás de Reisado longe, coisas que hoje as pessoas nem de carro não fazem, imagina para você ir a pé, andar 10 quilômetros, como a gente andava, era 10 quilômetros, eu acredito que sim, daqui até a Baixa de Trás dá mais ou menos isso, a gente ia a pé, pegando carona em cima de jumentos, para ir atrás de um Reisado lá. E quando a gente chegava lá, até os próprios trabalhadores se admiravam. Então, a minha paixão foi isso, foi estar no sangue, foi meu pai que passou isso para a gente, que ele era um amante número um de Reisado, o papai. Papai, um Reisado não vinha na Boa Hora que ele não colocasse, não botasse lá.

Lenildo - Eu já tive o prazer de ver você coordenando o grupo de Reisado aqui em Boa Hora, mais de uma vez, mais de um ano. O que significa para você ser um coordenador do grupo de Reisado? O que é um coordenador?





Chico Pubeiro - Tu é doido isso aí, chega a me arrepiar quando você fala isso, porque eu vou ter, depois de muitos e muitos anos, eu vou ter o prazer desse ano que vem novamente, se Deus quiser, eu com meu irmão de nós coordenar, junto com a minha família, é claro. Mas, os cabeças principais, sou eu, meu irmão, e outro mais lá, para nós coordenar um Reisado da própria família. É uma promessa da minha mãe. Então é muito prazer, é muita honra, é muita alegria a gente fazer isso, a gente faz isso com tanto prazer, com tanta alegria.

Lenildo - Quais são suas responsabilidades? Antes, durante e depois da peregrinação?

Chico Pubeiro - Rapaz, a principal coisa ali é você focar nos trabalhadores. Assim, você coloca uma função para um, coloca para outro. Mas eu acho interessante que as pessoas já dizem assim, o Chico, como meu sobrinho falou, ele vai coordenar essa parte aqui, como por exemplo, eu coordenar ali os caretas, com o boi, eu ter aquele cuidado de um boi chegar lá na sua residência, eu chegar lá, antes do boi começar, dançar, enquanto os caretas estão lá dentro da sua casa, brincando, sapateando tudo, eu estou lá no terreiro, verificando como é que está o terreiro, se não tem nem uma pedra, uma coisa assim, que o dançador possa, né, se cair ou machucar com os caretas. Então, isso aí, eu fico organizando tudo isso aí. É o careta terminar de dançar, sair lá dentro da sua casa, sair lá fora e eu dizer assim, “aí, como é que você está? Você está inteirão mesmo? Está 100%?” Porque ali eu já ando já com uma bolsinha ali de medicamento ali, junto com a minha esposa, eu já ando com uma bolsinha ali para qualquer coisa. “Rapaz, eu não estou assim muito legal, assim, na minha cabeça”. Eu estou lá, o dançador com o dançador do boi, do mesmo jeito, com todos os trabalhadores, eu tenho essa preocupação de fazer isso.

Lenildo - Você já citou aqui que tem um acervo grande de gravações, de músicas de Reisado, de mandações, imagino que músicas de careta também, e você possui esse acervo de mandações de música de careta desde quando?

Chico Pubeiro - É como eu acabei de dizer, eu tinha umas gravações antigas aí que foram perdidas, mas a mais antiga que eu tenho mesmo é de 1976.

Lenildo - Você lembra como foi a ideia, assim, de gravar? Você estava ali, ainda lembra?

Chico Pubeiro - Não, na verdade, lembro, lembro, ave maria, demais. Na verdade, tem um rapaz que foi criado pelos meus pais aqui na Boa Hora, tinha o nome de Chico Vacavé, era o chico dentista, ele era um dentista, era o único que era dentista, na época todo mundo esperava aquela semana para fazer tratamento de dente, de aparelho dentário com ele, e aí, todo ano ele vinha para o Reisado, ele morava em São Luís, em Maranhão, na cidade de Olho d'Água das Cunhãs, e aí ele vinha todo ano para o Reisado, todo ano, aí uma vez eu conversando, eu menino velho assim ainda, pivete, aí eu disse assim, eu vi uma vez um rapaz, eu não sei onde é que eu vi isso, não sei se foi em Barras, alguma coisa, um homem com um negócio lá, quando eu pensei que não, estava saindo a fala da pessoa, aí ele quase morreu de sorriso, aí disse assim: “rapaz, aqui dali é um gravador”. Eu disse assim: “agora tu





imagina um negócio daquele dali se a gente tivesse aqui para gravar, como o senhor está dizendo, para a gente gravar aquilo”. Aí ele disse assim: “eu não vou lhe garantir não, mas para o ano eu vou ver se eu trago um bicho daquele”. Aí ele trouxe, um gravadorzinho desse tamanho, ah pronto, meu amigo, aí foi aquele sucesso, o negócio é tão sério que esse Reisado que eu gravei, na casa do do Zé Capão, do pai do Zé Capão, me lembro até o horário, às 8 horas da noite, lotado de gente, aquele escuro. E ele querendo namorar com uma moça muito bonita, que por sinal ainda é, tá fora bem ali, a Dona Geralda, aí ele chegou com o gravador ali, todo enrolado no plástico, dentro de uma bolsa, não sei o que, aí ele chegou, me chamou e disse assim: “ó, eu vou te dar esse gravador para tu gravar esse negócio aí, você vai segurar com muita firmeza, eu vou já botar, ligar aqui, e você vai lá para dentro, grava, e faz tudo, o que você acha que deve ser gravado, aí você grava, tá certo? Aí depois você traz aqui para mim”. E aí, eu gravo assim direto, aí ele foi me ensinar tudo como é que fazia, na hora que os caras não se sapateavam, eu apertava ali, na hora que eu não quisesse mais gravar, eu apertava, aí eu gravei tudo aquilo ali. Aí eu gravei, que foi esse reisado, que os careta era, acho que todos já morreram, se não me engano, o Mozart tocador morreu, o Doca dançador morreu, os três caretas, Trajano, um tá vivo também em São Paulo, mas nunca andou mais aqui, irmão do Mozart, o João Bida, e o outro era o Luiz Scotta, um dos Scotta lá, só que eu não sei se está vivo ainda, e o mandador, o Luiz Machado também já morreu, cantadeira também, eu não sei. E aí eu gravei esse reisado, que foi um reisado que teve uma cena muito interessante lá, que o Trajano estava doente do pé, adoeceu do dedo, ele não podia sapatear, aí o velho na porta disse para ele: “pois eu não vou querer o reisado não”. Aí ele saiu assim, não, ele já tinha dito o recado para ele, como era o careta do meio, quando ele ouviu isso, ele foi lá, foi lá no motiquinzeiro, mandou o menino, o rapaz que segurava o xicaradô lá, amassar o tanto que pudesse o pé do xicaradô dele numa pedra, esse cara amassou tanto, tanto, tanto que o bicho ficou ninguém entendeu o que ele ia fazer com isso, aí ele disse assim: “se o negro não sapatear, eu não vou querer o reisado aqui”. “Tá bom”! Aí quando entraram lá, aí quando foi para sapatear, era o pé direito, o dedo estava inchado, aí ele pegou o cabo do xicaradô, meteu por dentro das paias, e mandou o Mozart tocar um baião bem compassado. Rapaz, aí ele começou sapatear e batendo com o pé, com o cabo do xicaradão, rapaz, pois ele sapateou a coisa toda. Aí depois o velho falou: negro sem vergonha, me enganando, dizendo que estava com o pé doente.

Lenildo - Acredito que era o pé dele que estava sapateando.

Chico Pubeiro - Ele também só foi mostrar quando o boi terminou de dançar, ele chamou ele e mostrou. O velho disse: “ô meu filho, por que você não me mostrou isso antes, eu ia fazer uma malvadeza dessa, rapaz”. Então são coisas desse tipo assim, e naquele tempo existia muita história assim, agora imagina uma tropa de jovem sair daqui para ir lá para o tabuleiro, batendo papo, e se escuro, a única coisa que a gente enxergava é porque naquele tempo tudo era areia, e a areia era branca, e a gente tinha facilidade de enxergar, rapaz.

Lenildo - Você já falou que, como foi que ganhou o primeiro gravador, a gravação era em fita cassete?

Chico Pubeiro - Fita cassete.





Lenildo - Você ainda tem muitas cenas dessas fitas?

Chico Pubeiro - Ah, tenho, tenho muitas fitas aqui, acho que se olhar se eu for contar, dá mais de 200 fitas.

Lenildo - Você continuou gravando depois da fita? Você passou a gravar?

Chico Pubeiro - Gravo, gravo, direto, celular, eu estou tendo muita dificuldade, eu quero ver se eu providencio, eu vou falar com o Zaqueu. Para você ter ideia, o Zaqueu me trouxe um gravador agora esse ano, eu fiquei até com medo de usar ele, eu achei um pouco exagero, um gravador custou mais de 1.500 reais, desse tamanho: “meu filho, não precisa fazer esse exagero todo”. Aí ele disse: “não precisa sim, para o senhor, o senhor merece mais do que isso, o senhor merece mais do que isso e outra, basta o senhor ter cuidado”. E eu tenho muita preocupação, porque eu peguei Covid duas vezes, e eu fiquei com o problema na minha mão, sensibilidade muito assim, eu estou segurando uma coisa e penso que não, cai da minha mão. Mas eu gravei com esse gravador, e filmei com o celular, e de vez em quando eu peço uma pessoa para ficar segurando o gravador aqui, aí eu vou fazer uma filmagem assim, com o celular, porque eu quero captar também as imagens de vez em quando, para ficar mais bonito. Mas até o gravador, eu só não gravei com o gravador esse ano, porque meu gravador deu problema uma semana antes, e acaba que não soube ajeitar, mas eu ainda quero gravar com a fita ainda, porque a fita é uma coisa bem mais garantida.

Lenildo - É verdade.

Chico Pubeiro - É uma coisa que não se acaba nunca, e eu tenho ainda um bocado de fita virgem aí, e eu quero esse ano, com fé em Deus, eu quero ajeitar meu gravadorzinho que eu quero gravar.

Lenildo - Você percebeu, já que você gravou muita música, você deve ter ouvido também muitas delas, você percebeu alguma mudança nas mandações ao longo dessas décadas? O tipo de mandação que eles falam?

Chico Pubeiro - Ah, claro! A minha mãe costuma me dizer, costumava me dizer, que ela conheceu um mandador, como muita gente na época dela, que não tem, até hoje ela não viu um igual; que mandava aqui numa casa, e não mandava naquela outra casa a mesma coisa, toda casa era diferente. E naqueles tempos, tinha essa coisa. Hoje eu tenho uma coisa, não é só a questão do cara ser um rimador, um poeta. Não, até porque esse negócio de poeta é muito difícil, pelo menos do meu tempo pra cá, eu não conheci nenhum. Conheço alguns assim, como tem aquele, o João Bendito ali, né, de Barras, que ele me parece ser um cabra, que ele tem um, ele fala assim, se você chegar bem assim, falar para ele assim: “João, olha rapaz, chegou uma pessoa bem ali, você fala o nome dele”? Eu acho muito incrível aquilo, ele fala o nome daquela pessoa ali, tudo assim, dando certo, rimando, por quê? Porque ele já é um cara que é tipo um poeta mesmo, ele é um aboiador, ele é um vaqueiro, então é uma coisa que já é dele mesmo, coisas que não tem nos nossos mandador aqui. Não é porque eles não querem, é porque não é deles, eles não são poetas, eles mandam aquilo





que eles já vêm aprendendo com os outros, inclusive eles copiaram até alguma coisa do próprio João Bendito, mas o que muda neles é inclusive a tonalidade, o som, a altura, um manda baixo, outro manda alto. Mas naquele tempo existia uma coisa assim, tipo um Antônio da Paz, se vocês ver o Antônio da Paz mandando, naquele tempo, a toada dele daquele tempo não é igual à de hoje. Embora as coisas mudarem, muita gente gosta muito dessa toada de hoje, que é uma coisa um pouco mais acelerada, naquele tempo não era tão acelerada como é hoje, mas faz parte, é uma mudança que não houve tanto assim. Comparando como, por exemplo, algumas coisas que se eu pudesse mudar no reisado meu hoje, a questão dos caretas, aí sim, houve muita mudança radical comparando com o reisado de antigamente, uma coisa que eu acho muito, que eu não concordo muito, hoje qualquer coisa um careta tira a máscara da cara, a careta da cara. Naquele tempo você não conhecia um careta de reisado, você não tinha como conhecer, porque você nunca via a cara dele. A voz do careta não era como é hoje, o careta de hoje, ele conversa normal com você na porta, praticamente normal, naquele tempo o cara fazia de tudo para mudar a voz. Eu achei interessante um, está com 5 anos, 5 não, está com mais, uns 10 anos que eu fiz uma gravação aqui no município, porque até alguns anos não, agora não - porque com essa fatura de reisado aqui, a gente quase não sai mais -, mas até alguns anos aí, eu me tacava no mundo aí, mas o João, uma pessoa minha, era de carro, era de moto, eu ia gravar reisado perto de Campo Maior, reisado que nunca vinha aqui na Boa Hora, e eu gravei um reisado lá que eu achei muito interessante, os caretas com a voz totalmente diferente, acho que esses caretas aí são assim mesmo, quando eu saí lá fora e fui conversar com os caras, os caras conversando normal comigo, e os caras lá na sala roçando aquela coisa toda, quer dizer, eu me lembrei da história do reisado, tudo coisa assim que parece que faz parte da história para ter aquela mudança, para a pessoa não falar igual. Então hoje em dia não existe mais isso, o careta velho na minha época de menino, ele era um cara totalmente destacado, o careta velho era tão destacado em tudo, olha, para você ter uma ideia, a gente que chegava no reisado assim, o careta velho era destacado porque, às vezes até na altura, tu acredita que o dono do reisado ele procurava ter, botar um careta mais alto, parecia-se uma escadazinha, o careta mais alto, o do meio era um pouco mais baixo que ele, e o careta novo, ele sempre era o menor, não tinha como, ele sempre era o menor, e o careta velho, além disso, ele destacava na careta (máscara). Olha, o Trajando mesmo, logo no início dele, ele pegava, ele ia em qualquer lugar, cortava o rabo de um cavalo, já pregava aqui e ficava aquela barbona até embaixo, aquela barbona branca até embaixo, não tinha como você não dizer que não era o careta velho. Hoje em dia a gente não sabe, hoje em dia até mesmo na sala, uma vez eu perguntei aqui em casa, afinal de contas, quem é o careta velho? Não, aqui não tem, qualquer um aqui é careta velha. Fiquei assim, fazer o quê? É a mudança mesmo.

Lenildo -Sobre o que eles contam na música, o mandador, eles falavam de quê? Na década de 70, 80, e hoje eles falam de quê? A mandação deles, os versos deles é sobre o quê?

Chico Pubeiro - É como eu estava lhe dizendo, naquele tempo, o que já era, tipo um poeta mesmo que já entendia, como eu conheci um aqui da banda das Lages, que não era o Pedro Madaleno da vida, como a mamãe falava, mas ele era um cara, eles procuravam muito falar das pessoas que estavam ali. Se chegasse, por exemplo, uma pessoa bem aqui, tinha a facilidade de chegar e falar o nome daquela pessoa. Eles contavam muito, falavam muito, sabe o quê? É uma coisa que eu não vejo hoje. Dali do dono da casa, acho que eles conversavam, se eles não conheciam, mas eles conversavam antes de o boi começar a





dançar, eles conversavam ali com o dono da casa. Eu me lembro de mais uma vez, lá na casa do Zé Zabel, não me lembro o nome do lugarzinho, depois das Lages. Não estou lembrando não. E aí, esse reisado dançando lá, rapaz, naquele tempo, para completar, um boi não é como hoje. Um boi não passa cinco minutos, sete. O boi ali no terreiro, era no mínimo 20 minutos dançando. Era demorado. Um reisado numa casa não tinha como ser menos que uma hora e meia. Por que, que naquele tempo, um reisado só tirava em sete casas, no decorrer da noite? Por causa disso. Além de andar só a pé, a casa demorava. E ali, esse rapaz lá, esse mandador, eu cheguei lá, não conhecia o mandador. Nós chegamos lá, eu com os três colegas, chegamos lá, isso antes do gravador ainda, chegamos lá e os caras estavam lá. Estavam saindo. Aí, assim. Quando começou, tinha um bocado de gente fora na casa do véio lá. O véio era muito importante. E aí, rapaz, ele falou, ele falou no nome do véio. Falou que o véio tinha um armazém muito grande lá, de confecção. Falou no armazém desse véio. Falou nos filhos do véio. Falou naquela coisa toda. Eu achava interessante aquilo. Mas sendo que aqui na região também era assim. Eles falavam muito ali do dono da casa. Se o reisado chegasse na sua casa, ele ia falar de você. Falava de você. Falava seu lenido, me dê licença e tal. E começava a falar que você era fulano, você isso, era aquilo. Falava até dos seus pais. Hoje em dia ninguém não vê mais nada disso, não. Não vê. Estou falando assim porque você está perguntando. Nada contra. Inclusive, eu sou do lado da inovação. Até porque eu costumo dizer, uma vez a Teresinha, quando ela foi lançar esse livro, ela não... Eu fui a única pessoa que cheguei a falar isso, depois que os outros concordaram. Mas ela disse que o reisado para ela tinha que ser o tradicional. Não tinha que ter mudança em nada. Nem de paia, nem de careta, nem de boi, nem de música, nem de nada. Aí é onde eu desconcordei com ela. Eu disse: “Teresinha, a senhora me desculpa, mas eu vou lhe discordar com você de uma coisa. Primeiro, que o reisado, se ele não tiver mudança, daqui a alguns tempos ele vai se acabar. Não por mim, porque para mim, tanto faz. Tanto faz para mim. O reisado, eu amo o reisado de qualquer jeito. Ele pode vir com mudança, sem mudança, com as músicas velhas, sem música velha, com música nova. Para mim, o reisado é... Eu amo o reisado do mesmo jeito. Vai continuar do mesmo jeito. Mas, minha amiga, eu lhe digo uma coisa. Se uma pessoa de fora vir que não conhece bem o reisado, os velhos aqui vão se acabando.

E essas crianças, esses jovens, não vão ficar querendo ver só essas mesmas coisas, não. Se você chegar numa casa... Inclusive, nesse tempo, tinha acontecido uma cena interessante. Eu vou lhe dar uma chance. Tinha uma pessoa aqui na casa da dona Vandir, uma convidada dos filhos dela, que estava lá na casa do Zé Pinga, aquela multidão de gente entrando para ver o reisado. Aí, de repente, ela estava na porta. E eu ali do lado de fora também. Aí ela disse assim: “eu nunca vi um lugar de gente tão besta como esse aqui. Porque uma pessoa, uma loucura dessa para entrar dentro de casa para assistir um reisado, pra assistir esse negócio aí, sendo que a mesma coisa que eles fizeram bem ali, eles vão fazer bem aí dentro de novo. Na hora que eles saírem daqui, eles vão fazer a mesma coisa. E qual é a graça que tem nisso?” Eu digo assim, para mim que goste, aquelas pessoas que estavam assistindo lá dentro, pessoas que amavam demais, que gostavam demais. Mas pra essa nova geração, pra essas pessoas aí, eles não vão querer estar vendo só a mesma coisa, não. E outra, esse negócio de mudança é coisa que vem de muito tempo, muito tempo. Você sabe por que hoje o Trajano até hoje foi considerado e é considerado e ainda hoje eu considero, posso até dizer, o melhor não é um dos melhores. Eu digo mesmo assim pra qualquer um careta, pra qualquer um trabalhador. Pra mim, até hoje, foi o melhor careta que eu conheci na boa hora. Porque o Trajano, pra você ver, isso aí pra mim é uma mudança. Se você chegasse bem aqui, numa casa que vinha o Trajano trabalhando, ele estava fazendo coisas diferentes





direto. O Trajano, ele brincava com o boi bem aqui nessa casa, bem na outra casa, ele já inventava outra coisa diferente. O Trajano, ele dizia uma piada até com o próprio mandador do boi que estava ali brincando com ele, mandando o boi. Ele era um cara que nasceu pra ser careta, ele nasceu pra fazer graça. Ele achava um absurdo quando a gente saía daqui. Uma vez, eu fui arrumar um menino lá no Rancho do Fogo, atrás dele. Quando chegamos lá, atravessamos o rio com água na cintura. Tiramos a roupa, atravessamos o rio, chegamos lá. Três horas da manhã, ele dizia assim, eu já vi muito tipo de loucura, mas igual essa de vocês aí nunca tinham visto. Vocês atravessaram o rio com frio, essas horas, pra vir ver um reisado. Aí nós dissemos assim, não, trajano, não foi um reisado. Nós viemos simplesmente te assistir. Esse é mais outra doidiça. Agora, com isso aí, e vocês ainda saem perdendo, vocês vão pagar um quarteirão de Chorondobarra pra mim. E nós pagávamos com o maior prazer, porque ele era uma coisa...

Lenildo - Pra você que acompanha reisado, que está falando de careta, pra você que está falando do Trajano, que é uma lenda na cidade aqui, de um bom careta, mas o careta pra você, que é bom, é no sapateado, é na dança, é na cantiga, o que canta bem, o que brinca? porque o careta tem muito disso de brincar.

Chico Pubeiro - Aí é o seguinte. Porque eu digo para você que o Trajano é considerado o melhor careta? Porque... Não sei se você já ouviu isso, alguém dizer assim: “aquele careta ali é bom, isso não é o caba que tem pé, o cara bate mesmo”. Aí você fica escutando, você fica esperando ver o cara falar mais alguma coisa: “rapaz, o cara ali tem pé, não sei o quê”. E nada. Aí você... Pronto. Mas você não vê... De repente, você diz assim: “rapaz, eu conheci um careta ali, ei, homem que canta, viu? O Caba canta. Olha, o Caba tem uma música e tal”. E você fica esperando: “será que ele vai falar mais nada, não”? Ou então: “rapaz, eu conheci um careta ali, pensa no homem que anda com boi. Rapaz, o Caba anda com boi, não deixa o boi andar só um minuto”. E aí você fica esperando ver se o cara fala mais alguma coisa. Eu digo assim, sim, rapaz, e aí? Aí é onde eu te digo que o careta completo, o careta bom, por que eu te digo que o Trajano foi o melhor careta? porque ele era em tudo, pô. Quer dizer, entre aspas, mas é porque naquele tempo era o sistema. Se alguém visse hoje o Trajano, como ele não atrapou até um tempo, não atrapou não, o Chico ainda era naquele rezado de dormir, nós botamos ele, para ele acompanhar os outros e tal, fabricar. Mas eu ficava de longe observando aquele jeito do Trajano, ficava lá de longe assim observando. Eu como um dos organizadores, o Marujom, meu irmão, ficava de longe pensando, me lembrando do tempo dele novo. Eu olhando aquela cena dele ali encostado no mandador, só aquela pisadinha ali encostado no mandador e eu me lembrando. A pessoa que vê o Trajano hoje diz assim. Isso é um careta desse. Mas interessante, ele estava com a herança que daquele tempo era o retrato do que ele fazia naquele tempo. Naquele tempo era diferente. O Careta Véi vem para trás mesmo. Não falei nem do tempo do Pedro Santiago. O Pedro Santiago e o Badá foram dois irmãos que trabalharam juntos por muitos anos. E eles tinham um sistema de cada um trabalhar agarrado no chifre do boi, um do lado do outro, e o Careta Novo lá atrás. Mas já foi bem mais para trás que o Careta Véi No tempo dele talvez já tivesse alguns rezados que fossem assim. O Careta Véi não saía do encostado do mandador. Era interessante isso, essa cena. Os dois caretas, um dos que ficava do lado ali, o



boi, andava só. Sem careta. Mas ficava um, porque o careta de trás saía era indispensável em qualquer rezado. Nem o dono não aceitava, nem o dono da casa. Naquele tempo o dono da casa exigia demais. Se o cara prestava atenção, tudo ainda gritava mais. Ali naquele Vêi Sampaia mesmo, no Vêi Tunga, no Mato Seco, alcancei demais cenas engraçadas dele ali no Papai mesmo. O Careta Vêi não saía dali de encosto. Então o Trajano era completo em tudo. Ele era no boi, porque nesse tempo... Não, mas por que ele não era no boi? Porque era o sistema aquele. Ou ele ou outro careta tinha que ficar ali. Dentro de casa, ele tinha um tipo de baião que era incrível. Sempre quando começava a sapatear... Eu tenho uma fita, ainda o Trajano, como um bom careta, a mamãe ainda com muita saúde, quatro horas da manhã, ali na casa do meu padrinho Pelinho, eu, como sou muito afinado na voz, presto muita atenção quando estou ouvindo, não é só por alto, quando a mamãe grita assim: “lá vem o trem”! Por que o Trajano, chamavam ele de trem? Porque trem é aquela coisa reta assim. O Trajano nunca sapateava como os outros caretas de hoje. Começa bem aqui, não. Ele começava lá da porta. Ele começava da porta e vinha até o dono da casa e voltava até no meio e vinha de novo. Era uma coisa incrível. E era pancada braba. As músicas daquela época ele cantava todas. Hoje quase ninguém canta mais. Cantam só umas duas que ficou na história, que é a Sabiá, a Minalvina. Sei nem se tem outra. Mas tem outras mais antigas aí que quase ninguém canta. E ele cantava todas, se você pedisse, principalmente, e sapateava. E no boi era a mesma coisa. Para você ter ideia, ele se destacava até na cantiga da porta. O Trajano, a moça começava a cantar e lá no butiquinzeiro ele ficava sentado lá e ele ficava gritando de lá como se estivesse ali na porta. E ainda ficava mais gritando lá para os outros caretas gritar também. Porque hoje em dia você não vê mais careta na porta gritando. Eu costumo dizer para os caretas: “rapaz, o que custa que tem você dizer assim”? Eu tenho uma cita antiga que acho bonita. Eu gosto de escutar essa cita antiga quando eu vejo o cara gritando assim: “relampeou, meu Branco”! Quer dizer, o cara gritava aquilo dali como se fosse na história. Eles estão ali no meio da rua. O cara gritava que estava relampeando. Era para o dono da casa se despertar e vir mais ligeiro. Se não eles iam se molhar...

Lenildo -Entendi. Não era um grito à toa.

Chico Pubeiro -Não era um grito à toa. Tinha um significado. Então, o contrato é desse jeito. Agora, claro, tem muitos caretas bons aí. Tem muitos caretas bons.

Foi um menino que chegou aí que na época revolucionou muito e deixou muita história. Foi o Roelba, não é? O Roelba, quando ele chegou, uma vez, em 88, no primeiro reisado que ele trabalhou, pra ter ideia, cheguei a dizer para ele: “Raimundo fazia muito tempo que eu não via um careta igual a você aqui na Boa Hora”.

Lenildo - Outra mudança que eu vi que você falou aí. Ninguém vê mais aqui. Você falou no violão, antes quando nós não estávamos gravando e depois de novo quando já estava gravando. Tinha violão no Reisado? Porque hoje só tem sanfona. Tinha violão no Reisado?

Chico Pubeiro - Sim. Naquele tempo tinha muito. Violão, Rebecca. É uma pena que...

Lenildo - E sanfona também. Sempre teve a sanfona?





Chico Pubeiro - Sempre teve. Mas segundo os historiadores, os primeiros reisados mesmo não tinham sanfona. Não sei até que ponto é verdade.

Lenildo - Pode ser verdade porque em outros lugares do Brasil não havia sanfona. Eu estive em Minas Gerais. Eles apresentaram um reisado lá e não tinha sanfona.

Chico Pubeiro - Então disseram que não tinha. Aqui na Boa Hora existia muito. Para você entender, eu tinha dois reisados tocado por Rebecca, que foi nessas fitas que desapareceram. E o do violão, eu só tenho um. Porque eu já gravei há poucos anos.

Rapaz, as pessoas me reclamavam muito. Logo, eu não deixava passar um reisado em branco. Eu me lembro demais que esse reisado... Chegou no Raimundo Senador umas 4 horas da manhã. Tinha saído daquele reisado mais ou menos. E estava um rapaz ali encostado no boi. Os meninos diziam: “umbora, rapaz, o reisado lá no Mato Seco, está lá e não sei o quê!” E eu fiquei ali: “Meu Deus, esse reisado. E essa arrumação desse homem com o violão bem em cima desse boi.” Para você ter uma ideia, era tão fraco, rapaz, que a coisa corria aqui. Era um cordão. E aí eu ali, prestando atenção, ele pegou o violão e começou a usar uma corda quebrada. Ele tentando emendar. E os caretas já chamando. Meu Deus. E aí eu digo assim: “Rapaz, se vocês quiserem ir, eu não vou agora, não. Eu vou bem aqui gravar um pouquinho desse reisado”. E aí... Não, parece que ele já tinha tocado um dos baiões e a corda quebrou. Ele saiu para ajeitar assim. Só sei que eu consegui gravar um pouquinho ainda. Ele tocando um pouquinho do baião e uma parte do boi lá fora. Ele tocando. E naquele tempo eu tinha, inclusive, dois reisados de violão. Tinha de Rebeca.

Logo, parece que foi assim uma coisa. Eu tinha as fitas todas separadas. E por coincidência, eu achando que as fitas que tinham se perdido na água. Porque foi uma coisa muito incrível lá. Eu estava de férias em Teresina. E para onde eu ia, eu levava minhas fitas. Sempre levava. Aí eu lá de férias, e nós lá dentro de casa e tudo, quando pensou que nós, preocupados só em água, vinham do lado do Parnaíba. Quando pensou que a minha mulher chegou e disse assim, isso é para você, que a casa já está quase toda cheia d'água. Meu amigo, quando eu cheguei lá no meu quarto, lá no fundo do quintal, nossa casa ficava mesmo na região mais baixa. A água já estava andando bem aqui assim, nas pernas. A sorte é que 90% das coisas nós já tínhamos carregado lá para fora. Aí quando eu olhei, as fitas todas aboindo. O rapaz chega, nesse dia eu quase choro. Eu saí desesperado, pegando essas fitas, porque a fita é tão boa que mesmo molhando, mesmo acontecendo isso... agora imaginei desmanchar uma fita daquela que dava mais longe do que naquele menino, uma fita de 60 minutos, e deixá-la, enxugar ela todinha assim no pano, depois enrolar ela todinha. Aí ficou esse outro bocado que não deu para me pegar. Para completar, a principal, porque todas são principais, essa que tem o Trajando mesmo, sapateando. Se eu tivesse perdido uma dessas, que foi uma das principais, graças a Deus que não perdi, mas um bocado eu perdi. Eu tinha o Tempo Densê tocando, o Ináciozinho lá do outro lado do Rio, o Grande Mandador, eu não sei nem qual foi a tua pergunta que eu fico falando, há, foi do violão. Então, realmente, nesse tempo, existia uma... Eu costumo até dizer para as pessoas, quero até ver se o Ricardo faz isto no ano que vem no nosso reisado, tem aquele negócio de levantar o boi, levanta o boi, no som da viola.

Lenildo - Diz assim, sempre diz isso, fico imaginando, devia ser na viola antigamente.





Chico Pubeiro - Aí eu vou dizer para eles assim, meu filho, vê se dá para inverter isso aí, em vez de falar som da viola, fala som do acordeon, que mesmo que as pessoas não entendam muito, mas é o certo, não é o acordeão que está tocando?

Lenildo -Eu fico sempre imaginando, devia ser uma viola, antigamente, já que a música diz no som da viola.

Chico Pubeiro - Então, tentar levantar o boi, e até eu... Na hora de levantar o boi, se for para levantar no som da viola, até eu, sei fazer aquilo ali nas costas do violão, aquele levantamento. Mas era muito bonito, era muito bonito, porque o baião era assim um pouco lento, não era como esses baiões de hoje.

Lenildo -Você acha que na mandação, que tem muito improviso, você já falou, tem mandador que tem essa capacidade de ver ali uma pessoa e já inventar ali uma rima para colocar na mandação, você acha que isso diminuiu ao longo do tempo? Antigamente tinha mais rimas? Improviso, na verdade, tinha mais improviso?

Chico Pubeiro - Não, não é que tinha mais rima. É que tinha mais rima. Tinha mais falação. Sabe quem é o mandador hoje? Se você botar ele para mandar... Se um dia você tivesse uma oportunidade de mandar botar um boi para ele mandar no lugar e ele fosse... Não precisava nem você falar, não. Ele fala sem precisar de você falar nada. Agora, ele não está nem aí. Se dá certo, não dá. Mas pelo menos uma coisa assim, ele está aqui e fala. É o Zé Messias. O Zé Messias, ele fala. Eu costumo dizer para ele, se ele falar para os outros, depois falar para ti o que eu falei, eu vou falar mesmo para ti. Rapaz, tu é um dos maiores amigos que eu tenho na boa hora. E um bom mandador, ele já ganhou até festival. Mas para mim, tu é ruim, mas não é pouco, não. Porque tu não está nem aí. Tu fala o nome de todo mundo assim, não quer nem saber se dá certo ou não dá. Mas, em compensação, tem uma coisa que poucos têm. Sabe o que é? É voz. O Zé Messias, ele tem um talento de voz que é uma coisa... E tem uma tonalidade muito bonita. Mas, hoje em dia, o mandador manda, mas não é como antigamente. Porque, antigamente, tinha muito mandador tipo poeta, que falava rimando. E, hoje em dia, a maioria deles não quer se arriscar. Por exemplo, o Ricardo, meu sobrinho, ele é um bom mandador, ele manda, e o que ele fala, ele fala tudo rimado. Porque aquilo dali ele já ensaia antes, ele já faz aquilo dali para ficar bem feito.

Lenildo - Ele fala de que, o Ricardo, nas mandações dele?

Chico Pubeiro - Ele gosta de falar mais de história. Ele fala mais de história. Ele contou a história lá de Teresina, ele contou a história da filiação dele, que é filho de fulano e parente. Então, é assim. Mas coisas que ele já prepara para fazer aqui e dali. Não é uma coisa assim, não é o que eu queria dizer, que ele fala também, ele rima também. Se você chegar bem aqui, ele fala no seu nome. Mas ele já fala aqui e dali sabendo, já sabendo que vai dar certo. Ele não fala assim, tipo assim, vou falar por falar. Ele está olhando ali, mas ele está pensando. Ele está pensando no que vai falar para poder dar certo. Até na hora que ele encontra aquele momento certo e aí ele fala e dá certo.

Lenildo - O seu acervo que você tem, você considera ele parte do patrimônio do Reisado, uma coisa que tem que ser preservada? Você já mandou digitalizar?





Chico Pubeiro - Já. Eu já tive até um projeto aí, que a gente fez. Às vezes, eu até costumo dizer que tenho que gravar esse negócio se uma pessoa chegar e diz assim, rapaz, como é que está escrito lá na internet? Como é que eu procuro lá? Aí eu fico meio à toa sem saber dizer. Parece que é pubeiro, não sei o quê. Alguma coisa assim.

Lenildo - Mas está na internet.

Chico Pubeiro - Está lá na internet. Foi um projeto que foi fazendo. Eu fiz o Zaqueu também. Está lá na internet. Apesar que a gente está esperando, você como uma pessoa que faz parte aí, eu não sei como é que estão essas leis aí, essas coisas aí. Está aí na prefeitura já para a gente. Eu quero dar continuidade. Eu quero dar continuidade. Porque nesse tempo, por exemplo, onde eu tenho duzentas e tantas fitas, eu escolhi, separei umas 10, 15 fitas para fazer algumas coisas, umas montagens de algumas coisas do Reisado. Imagina o quanto de coisa que eu não tenho gravada aí que posso ter mostrado ou filmado. Eu tenho... E foi só de áudio o que eu fiz. Mas se fosse para fazer de vídeo, ainda tenho algumas coisas que dá para aproveitar. Como, por exemplo, o Reisado mais antigo, em termos de filmagem, foi de, se não me engano, de 1999. A filmagem mais antiga. Mas acho interessante ver... Às vezes, Lenildo, eu fico vendo uma filmagem daquela, a vantagem da filmagem é a diferença da fita, porque a fita você só escuta. E a filmagem não. É muito interessante ver uma filmagem daquela com tantas pessoas que já se foram. Meu primo Valto, a tia Helena, o Sita Morena, o próprio Chico Dentista, que foi o... O que me deu o gravador. O que me deu o gravador. E tantas outras pessoas nesse tempo que aparecem naquela gravação, naquela filmagem. É muito interessante, é muito bonito.

Lenildo - Você acha que, no Reisado, o que mais corre de se perder hoje? As músicas, os personagens, o espírito da fé? Ou você acha que está tranquilo?

Chico Pubeiro - Não, eu acredito, Lenildo, que não... Cada ano que se passa, eu fico mais admirado, fico mais entusiasmado, fico mais empolgado, porque acho que não está se perdendo nada. Eu acho, Lenildo, que cada ano que passa o nosso Reisado está, graças a Deus, crescendo. Primeiro, que, graças a Deus, nós estamos tendo coisas que não existiam naquele tempo velho. Incentivo de nada. Hoje nós já temos o incentivo das autoridades, do município, do Estado. Essa premiação é muito boa, ajuda muito. Esse festival aí, meu Deus, tem hora que fico pensando, tem gente que diz assim que para quê o festival, para quê essa competição? Tudo bem que alguns acham que é melhor ter o festival sem a competição, minha gente, tem que ter a competição. O que é bonito é aquilo dali, cada boi procurar ficar mais bonito para se apresentar. Você imagina só... Não, vai só todo mundo se apresentar, mas não vai ter competição e tal. Já sabe que todo mundo é um prêmio só, que é tanto para cada um e pronto, vamos lá, se apresentar. Aí todo mundo vai lá de qualquer jeito, o cabra bota um chapéu velho na cabeça, o careta de qualquer jeito, o mandador... Não. O que é bonito, como uma vez me colocaram - eu já trabalhei de jurado de todo jeito - até com uma coisa que eu achava que não ia concordar muito, para ver a boniteza dos bois. Como é que dá o nome?

Lenildo - Adereço.





Chico Pubeiro - Meu Deus, como é que me boto? Essa daqui foi a mais difícil que eu achei. Aí estava lá, nesse tempo eram dez bois, fui até lá naquela coisa lá para me ver. Aí eu saí olhando para aqueles bois. Agora imagine só para me ver qual era o boi mais bonito que estava ali. Mas não era nem tanto o mais bonito, todos eram bonitos. Eram só alguns que tivessem um detalhe a mais, uma besteirinha a mais. Mas é... Tudo faz parte. Então, não tem como. A cada dia que passa, eu acho, e o incentivo é grande, as pessoas se interessam mais, fica mais bonito. Não sei. Não tem como. Eu acho que tudo bem, que algumas coisinhas, alguns reajustes, a gente tem que ir fazendo. Porque tem algumas coisinhas assim, mas coisas que a pessoa não pode também, tem que ir com calma também. Tem pessoas que... Esse negócio dos ensaios, que tem muitos ensaios, não sei o quê. Rapaz, é uma forma de investimento também. Não tenho nada contra. “Ah, porque os ensaios de hoje, naquele tempo não tinha ensaios, e tudo dava certo, não sei o quê”. Rapaz, mas é bonito. Eu chegasse na casa... os caras lá estão conversando. Uma vez eu fui em um ensaio do Boi, que eu presto muita atenção nas coisas, lá no Zenisa, um cara de mesa assim. Aí eu disse assim: “rapaz, eu me arrependi porque não levei o meu gravador, ou então que eu não filmei”. Cada mesa que eu chegava, eu bati assim no ombro da pessoa, e aí quando eu parava ali um minutinho ali, rapaz, porque o reisado de fulano lá está não sei o quê. Olha, tem um careta assim, assim. Aí eu chegava na outra mesa, o cara estava assim. Isso os caras bebendo. E os caretas lá estavam sapateando.

Estavam brincando lá. Aí os caras estavam lá assim, rapaz, esse ano, o reisado de fulano. O que me chamou muita atenção foi isso. É que várias mesas ali...

Lenildo - Mas o assunto era um só.

Chico Pubeiro – O assunto era um só. Aí o cara dizia assim, rapaz, quem vai passando, o cara está ali não sei o quê, vai só encher a cara de cachaça e não vai nem prestar atenção no reisado lá, os caras lá sapateando. Mas o bom é que nem, sabe o que é, uma coisa puxa a outra. Às vezes eu saía ali fora, estava com uns três anos, mas todo ano tem isso. Estou falando três anos porque foi essa vez que eu parei e conversei com uma pessoa ali na porta do Zé Pudença. Aquela rua ali. Quase todo ano tem aquilo dali. Aquela multidão de gente, é que nem ali no Mato Seco. Multidão de gente na pista ali, gente bebendo, jovem, uma menina com litro de bebida aqui no braço. E o boi dançando lá no Domingo, e lá aquela multidão de gente na pista ali, bebendo e tal, fuando, se agarrando, namorando. Aí eu cheguei e essa menina com litro debaixo do braço. Achei interessante uma cena dela que ela disse assim: “é o seguinte, não vai não?” Falando para a colega: “tu não vai não? Ah, pois se tu não for, tu vai ficar aí. Porque o meu objetivo aqui também não é só vir para cá e encher a cara de bebida não, eu tenho que ver meu boi também.” Ela lá se mandou e a outra disse: “não, deixa o litro aqui” “não, deixa não”. Aí depois eu conversando com meus meninos assim: “meu filho, o que eu acho bonito, sabe o que é também? É quando eu vejo aquela multidão de gente. Para mim não importa se estão olhando, mas eles estão ali por causa do Reisado. Se não tivesse o Reisado, eles estavam ali? Não estavam, eles estavam ali por causa do Reisado. Então é muito interessante, rapaz, tudo isso aí.

Lenildo - Você acha importante que o Reisado fosse estudado na escola?





Chico Pubeiro – Era, era muito importante. Eu não sei nem por que ainda não existe. Já era para existir uma matéria no colégio do estado, do município, ou até no particular, uma matéria sobre o Reisado. Porque o Reisado é uma coisa que tem infinidade, é uma coisa que você, um professor que tem um conhecimento, ou então de vez em quando aqui tem muito historiador de Reisado, tem um Vitamina daquele que tem história demais, tem esse dançador antigo, careta antiga, tem muita história. Você pode, um professor, ele se aprofunda no conhecimento da história do Reisado, do significado das coisas, e de vez em quando chamava um historiador, uma pessoa dessa que tinha história, e dizia: “rapaz, me conte alguma coisa aqui do Reisado, e tal, pronto”. Não seria interessante? É, porque eu acho, Lenildo, que eu fico besta se você pega bem aqui um Reisado e levar lá no Pedro Coelho. Eu fico qualquer... Você pode levar ao São Gonçalo, pode levar a qualquer tipo de apresentação. Todo mundo aprecia, todo mundo olha, todo mundo vê, mas se você botar bem um boi ali para dançar, a primeira coisa que você vê logo é todo mundo com o celular aqui ligado. Pode ter certeza.

ocê vê o tanto que o povo gosta do Reisado aqui na boa hora. Claro, tem suas limitações, tem tudo, mas as pessoas gostam. Imagina só se tivesse uma escola, tivesse uma matéria só falando sobre o Reisado, nem que fosse uma coisinha pouca, mas que tivesse. Eu era de acordo que tivesse.

Lenildo - Seu Chico, a gente quer agradecer aqui suas informações que foram muito preciosas aqui para nós, para o nosso trabalho. Fique à vontade para você fazer suas considerações.

Chico Pubeiro – Eu me sinto honrado. A Tereza aqui, se eu sair para a rua, ela diz assim, que eu não encontre ninguém do Reisado pelo caminho, porque se eu encontro... Se eu encontrar uma vitamina daquele, às vezes encontro ele no sol quente e ele vai procurando uma sombra. Aí diz assim: “encosta aqui”, aí pronto! Aí, meu amigo, pronto. E eu não gosto, já pensou? Ele, o Vitamino, o Raimundo Careta, os mais. Se eu passar na porta do Raimundo, aí pronto. E assim vai. Porque, na verdade, eu acho muito... Para mim é uma honra falar de Reisado. Em vez de você me agradecer, eu que tenho que agradecer por você vir aqui.

Eu me sinto muito prazeroso. É porque, Ave Maria, tem tanta coisa que faltou você perguntar que pensei que você ia perguntar e não perguntou. Mas deixa para a próxima, não é?

